

Ensaio

Fake news: só mais uma enxugada de gelo

Fake news: just another ice wipe

Alexandre Lourenço¹



Assista ao vídeo produzido
pelos autores:
Link de acesso ao vídeo:
<https://youtu.be/eFlbdj9w614>

Resumo

Fake news é um novo nome para uma coisa velha. Esse problema, no formato atual, começou em 2016 na campanha à presidência dos EUA. Embora citado e comentado em demasia, é um assunto essencial, pois a desinformação parece estar avançando perigosamente em alguns campos da área da saúde. Os movimentos antivacina, negacionistas do aquecimento climático e até mesmo “terraplanistas” estão muitas vezes pautando o debate. A chegada da Internet e das redes sociais potencializou o fenômeno das *fake news*, criando novas dinâmicas de disseminação de notícias falsas. A atual polarização política, câmeras de eco, arrastes emocionais e as teorias da dissonância cognitiva e da racionalização motivada ajudam a entender o fenômeno. Combater esse tsunami de desinformação que afeta vários campos do conhecimento é um assunto premente, dadas as nocivas consequências das notícias falsas na sociedade. Além dos grupos de checagem organizados por veículos de imprensa tradicional, a educação e conscientização do público é um ponto central nessa guerra. Mas essa é uma empreitada complexa, devido aos arrastes emocionais que parecem neutralizar a capacidade crítica que pessoas instruídas deveriam ter. Na fotografia atual parecemos estar enxugando gelo, mas a persistência nessa luta é essencial para nos contrapormos à deseducação científica.

Palavras-chave: *Fake news*; notícias falsas; desinformação; manipulação.

Abstract

Fake news is a new name for an old thing. This problem, in its current format, started in 2016 in the campaign for the US presidency. Although cited and commented on a lot, it is an essential subject, because disinformation seems to be advancing dangerously in some fields in the health area. Anti-vaccine movements, denial of climate warming and even “flat earthers” often leading the debate. The arrival of the Internet and social networks has increased the phenomenon of fake news, creating dynamics for the dissemination of totally new false news. The current political polarization, echo chambers, emotional drag and theories of cognitive dissonance and motivated rationalization help to understand the phenomenon. Combating this tsunami of disinformation that affects various fields of knowledge is a pressing issue, given the harmful consequences of false news in society. In addition to the checking groups organized by traditional media outlets, public education and awareness is a central point in this war. But this is a complex undertaking, due to the emotional stresses that seem to neutralize the critical capacity that educated people should have. In the current scenario, we seem to be drying off ice, but persistence in this struggle is essential to oppose scientific disinformation.

Keywords: *Fake news*, false news, misinformation, manipulation.

¹ Médico Veterinário, Professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ), Universidade Paulista (UNIP), Universidade de Santo Amaro (UNISA) e Centro Universitário de Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP), São Paulo, SP, Brasil (microbiologia@microbiologia.vet.br).

Introdução

Outro dia estava navegando pela Internet e tropecei com isto aqui: Denúncia! Suposta adição de sangue de boi ao café moído e embalado à vácuo para dar mais peso e volume! Um olhar desconfiado e o impulso de uma ironia me fizeram pensar com meus botões: ‘Pelo menos tem ferro, não é?’ Isso era uma *fake news*, que circulava e que, pela envergadura da propagação, forçou a ABIC (Associação Brasileira da Indústria de Café) a publicar um alerta pela imprensa,¹ o que mostra que o assunto não é brincadeira. Uma descrição desse boato está no site do jornalista Edgard Matsuki.² Só faltou alguém ligar isso ao novo coronavírus (SARS-CoV-2), para espetacularizar a cena, acrescentando que era o sangue de bois doentes que morreram de gripe. Gripe? Mas não era coronavírus? Esse tipo de detalhe não parece comprometer a propagação de notícias falsas, mais conhecidas hoje como *fake news*.

Fake news é um novo nome, para uma coisa velha. Notícia falsa, boato, mentira, maxambeta, rumor, difamação, desinformação. Os nomes são muitos e a prática provavelmente tão antiga quanto os primeiros *Homo sapiens*. Uma das mais famosas notícias falsas (involuntária) foi a transmissão radiofônica da Guerra do Mundos, de H.G. Wells, por Orson Welles em 1938, nos Estados Unidos da América (EUA), que fez milhares de pessoas acreditarem que a Terra estava realmente sendo invadida por extraterrestres.³

Aparentemente o problema, no formato atual, começou em 2016, a partir da campanha à presidência dos EUA,⁴ embora a invasão da Crimeia pela Rússia em 2014 seja citada como outro evento histórico amplamente manipulado por notícias falsas nos meios digitais.⁵ No caso da eleição americana, as *fake news* circularam em um volume e uma velocidade maiores que as notícias reais, o que representou um ponto de inflexão.⁶

Ao escolher esse tema para esse ensaio, fui instado a justificar-me, já que é um assunto tratado à exaustão pela imprensa. Por que mais um texto sobre isso? Uma resposta simples e direta: **porque estamos perdendo a guerra para a desinformação**. Isso já basta como justificativa. Mas também porque é perturbador pensar que, mesmo diante das mais sólidas e cristalinas evidências, haja tanta gente abraçando a causa de espalhar boatos e ser enganada por eles. Essa credulidade impermeável aos fatos, além de espantosa, é muito perigosa.

Como algo que sempre existiu tornou-se um assunto tão perturbador e tão incômodo de uma hora para outra?

Desenvolvimento

Embora a Internet tenha trazido um mundo de possibilidades fantásticas, o lado escuro da força arreganhou as presas. Umberto Eco capturou esse lado escuro muito bem ao dizer que as redes sociais deram voz a uma legião de imbecis.⁷⁻⁸ Em tempos de politicamente correto, talvez não pegue bem falar assim, mas como catalogar pessoas que propagam que vacinas não funcionam e fazem mal à saúde?⁹ Drauzio Varella, em uma entrevista impecável ao programa Roda Viva, da TV Cultura, no início de 2020, deu o nome correto a quem pertence ao movimento antivacina: “criminosos”. E diante dessa enxurrada de desinformação e do desafio de combatê-la, vaticinou: **“vamos continuar enxugando gelo”**.¹⁰

A desintermediação entre produtores de notícias e consumidores descentralizou quem pautava os consensos do que deveria ser exposto, publicado e debatido. Parecia bom, uma ode à liberdade e à transparência, mas hoje é visto como um dos maiores riscos à nossa organização social.¹¹ E aí vem a resposta à pergunta do parágrafo anterior em uma única palavra: DOSE. Um ditador

sanguinário do século XX já dizia que “a quantidade tem uma qualidade toda sua”, máxima que se aplica muito bem às *fake news*. Nunca tivemos tanta desinformação concorrendo com canais confiáveis como agora. Uma espécie de saturação ou “inundação de área”¹² que torna difícil ou muito penoso descobrir a verdade. A Internet colocou ao alcance de qualquer um a divulgação de informações, sejam reais, inventadas ou meramente distorcidas. Publicadas em *blogs*, páginas pessoais e em redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram, a divulgação de informações falsas tornou-se “uma pororoca”. Dados dos EUA apontam que quase dois terços dos norte-americanos acessam notícias via redes sociais, e não mais das fontes clássicas da mídia tradicional. As redes sociais tornaram as notícias falsas algo epidêmico.⁶

A facilidade de difundir uma informação falsa não é o único elemento dessa equação. Notícias alarmistas e persecutórias são desmascaradas constantemente, mas parte das pessoas continua a acreditar nelas. Informações falsas sobre fatos recentes são desmoralizadas com farto material probatório, mas uma parcela considerável da população desconsidera as evidências e continua a disseminar a desinformação. A resposta para essas incongruências talvez esteja no funcionamento da mente humana. A psicologia evolucionista descortinou muitos dos verdadeiros porquês de nossos pensamentos e atitudes,¹³ instigando-nos a olhar o caso específico das *fake news* sob essa óptica. Câmaras de eco, exposição seletiva, racionalização motivada, dissonância cognitiva e polarização política são apenas alguns aspectos que ajudam a explicar a dificuldade de se combater as *fake news*. Embora possam ser separados para efeito de explicação didática, eles se entrelaçam.

Polarização política - Se há uma importante força que está impulsionando as *fake news* é o mundo da política, com sua intensa polarização.^{14,15} Pertencer a um grupo e nutrir por ele

simpatia exagerada ou identidade reforça uma espécie de “efeito manada”. No início de janeiro de 2020, tivemos um exemplo dessa polarização como força de arraste. Um assessor do governo federal foi demitido por pressão da sociedade e readmitido, furtivamente, logo em seguida. Confrontados com a readmissão do assessor, apoiadores do governo negaram que ele tivesse sido readmitido, embora isso constasse do Diário Oficial da União (DOU). Esses apoiadores divulgaram que a readmissão seria uma *fake news*, quando, na verdade, essa negação constituía, ela mesma, uma *fake news*. É preciso muita acrobacia retórica e muito contorcionismo verbal para sustentar um estado de negação desses.¹⁶ Em um ambiente de tribos, apesar de fatos contradizerem narrativas, se o grupo reage, a pessoa reage junto. Não há muita gente que encare ser um peixe sem cardume. No contexto da ciência, essa polarização, aliada às redes sociais, agravou muito os problemas relacionados a temas científicos,¹⁴ especialmente pela forte carga emotiva envolvida, o que produz arrastes emocionais.

Arraste emocional - As pessoas tendem a compartilhar informações que tenham grande carga emocional,¹⁵ seja ela correta ou falsa. Teorias conspiratórias tendem a ter grande carga emocional, pois apelam ao catastrofismo, ao medo, a sentimentos persecutórios e à integridade das pessoas. Já foi constatado que notícias falsas trafegam mais rápido que as verdadeiras.⁴ E uma vez que podem ser monetizados (gerar dinheiro), temos um grande estímulo à produção de *fake news* por pessoas que sabem que elas são falsas, mas estão interessadas em lucrar com isso.⁶

Câmaras de eco - Normalmente este termo refere-se a um grupo de usuários que compartilha interesses/visões de mundo comuns e ativamente disseminam informações sobre esses interesses para outras pessoas de fora do grupo, resultando em um alastramento de ideias e crenças.¹⁷

Fechados em tribos que se protegem mutuamente e impedem o desacordo de ideias, há um reforço dos vieses do grupo.¹¹ Vale a pena destacar a sutil diferença com o conceito de “bolha” da Internet, onde os participantes comungam de uma ideia mas, por fatores intrínsecos ligados à ideia ou ao grupo, essa ideia acaba ficando restrita aos membros da bolha.¹¹ Um exemplo disso é o “terraplanismo”, que é tão exótico e confronta um conhecimento tão bem estabelecido que não se espalha para o restante da sociedade. Já as câmaras de eco teriam a capacidade de funcionar como a palha que pega fogo e depois permite a disseminação da informação para fora do grupo, provocando o incêndio na floresta. A desinformação se alastra para fora com mais força e velocidade do que se não existisse essa câmara de eco. O efeito grupal é forte e parece trazer credibilidade - “se tanta gente está dizendo isso simultaneamente, então deve ser verdade”. Além disso, como a desinformação é misturada com informações corretas, temos uma espécie de “patchwork” confuso, criando uma certa aura de credibilidade ao conjunto.

Dissonância cognitiva - As pessoas estão predispostas a procurar informações com as quais elas concordem e a evitar informações conflitantes que podem causar desconforto psicológico.^{15,18} O confronto exige gasto de energia e cria a necessidade de se achar argumentos para defender suas posições; não é apenas trabalho, mas gera incômodo e eventualmente frustração por não conseguirem defender seus pontos de vista. É mais fácil descartar o que incomoda e acolher o que concorda com nossas ideias. Aqui surge boa parte da perda da confiança na imprensa tradicional, pois as pessoas julgam coberturas jornalísticas como desfavoráveis aos seus pontos de vista, criando animosidade contra veículos de imprensa e jornalistas (Teoria do viés aversivo à mídia). Basta um breve passeio pela área de comentários das postagens de qualquer jornalista em rede social para constatar que a lista de provocações do público leitor rivaliza com o que se escreve na parede de banheiros públicos. Vale ressaltar o papel que a própria imprensa tem nesse processo, especialmente em se tratando de temas científicos. Ao dispensar a figura do jornalista científico e terceirizar essa função para jornalistas



Fonte: Alexandre Lourenço.

não especializados, de outras áreas (por exemplo, economia, política, lazer), a imprensa pode estar caindo no erro do “falso balanço”, quando dois lados são chamados para debater, mas um deles é formado por desinformantes que não têm qualquer fundamentação nas suas colocações. Chamar em pé de igualdade pessoas da ciência e pessoas que não seguem a lógica ou o método científico e apenas têm opiniões baseadas em “achismos” e nos instintos é pior do que se nada fosse publicado, pois a simples exposição desses grupos acaba servindo de vitrine para suas informações distorcidas ou absurdas.¹⁵ Imagine chamar para a mesa de debate “terraplanistas”, defensores de que a Terra é redonda. Isso é retroceder alguns séculos civilizatórios e ignorar toneladas de material fotográfico da NASA. Não faz sentido. Nesse confronto assimétrico, o público pode familiarizar-se com ideias obtusas (“terraplanismo”, negação do aquecimento global), facilitando a sua incorporação no repertório do indivíduo, especialmente se pensarmos na repetição que algumas *fake news* assumem nas redes sociais. E se essas *fake news* forem reverberadas por celebridades ou pessoas com certa relevância, tanto pior.¹⁹ Este tópico se entrelaça à Racionalização motivada.

Racionalização motivada - Ocorre quando as pessoas tendem a procurar informação que valide suas conclusões preferidas,^{14, 18} justificando a *posteriori* sua escolha com uma cadeia de raciocínios sob encomenda. Mesmo conhecendo tópicos científicos e seus consensos na comunidade científica, recusam-se a incorporar essas informações ao seu repertório de ideias.¹⁵ É praticamente um sinônimo de Exposição seletiva. Desse emaranhado surgiu a definição de Pós-verdade.

Pós-verdade - Quando fatos e evidências são desprezados diante de crenças existentes que são contrariadas por eles. A emoção e a crença pessoal se tornam mais influentes em moldar as opiniões que os fatos objetivos.⁶

Exposição seletiva - Fenômeno em que o consumidor de informação tende a selecionar a informação da qual ele gosta de acreditar.¹⁷ Exposição seletiva e racionalização motivada talvez sejam apenas faces do mesmo fenômeno separadas pelo tempo; a primeira antecederia a segunda.

E como lutar contra as *fake news*? Eis a pergunta de um milhão de dólares.

A mais evidente e intuitiva providência seria tornar as pessoas capazes de analisar e de julgar por elas próprias, com certa eficiência, a procedência e a confiabilidade do que se publica na Internet.²⁰ Isso é especialmente urgente para os estudantes, que estão com a mente em formação.⁶ Para isso, pensando-se especialmente na área da saúde, seria necessária certa compreensão pública da ciência.²¹ Manter postura crítica, checar fatos e notícias, confrontar fontes²⁰ são alguns pontos a se perseguir. No entanto, nem é fácil educar as pessoas para essa vigilância crítica de uma hora para outra e tampouco é fácil exercê-la. Verificar cuidadosamente a credibilidade de uma fonte pode levar mais tempo que ler a própria fonte. Isso cria uma burocracia que pode ser impraticável, dada a complexidade do mundo digital.⁴ Um agravante adicional detectado em algumas pesquisas é que justamente as pessoas com a educação formal mais sofisticada são as mais impermeáveis a mudar de ideia quando confrontadas com fatos que contrariam suas concepções.¹⁵ E apesar de vários veículos de imprensa terem montado equipes de verificação de notícias supostamente falsas, o trabalho parece sem fim, e muitas vezes soa inútil. O volume e a recorrência das *fake news* são inéditos. A quantidade de desinformação na Índia, por exemplo, atingiu um nível tal que o Whatsapp comprou anúncios de página inteira nos jornais incentivando a população a verificar a veracidade de boatos antes de ajudar a disseminá-los.²² Será que isso funciona em alguma medida? Existe muito gelo a ser

enxugado. Situação que lembra a letra da música do roqueiro Raul Seixas, Mosca na sopa:²³ “Você mata uma / E vem outra em meu lugar”. Acerca disso, Augusto de Franco fez uma síntese que merece ser citada na íntegra:²⁴

O principal desafio que enfrentamos hoje é a saturação de informações e um sistema de mídia “hackeável”. Se você segue a política, sabe como o ambiente é desgastante. O grande volume de conteúdo, o número estonteante de narrativas e contra-narrativas e o ritmo do ciclo de notícias são demais para qualquer um processar.

De forma geral, é possível perceber certo pessimismo no ar quanto à possibilidade de virarmos esse jogo e produzirmos um fluxo de informação mais sensato, útil e sadio.

Considerações finais

Enquanto escrevia esse ensaio, pude sentir como as notícias falsas são insidiosas, pois várias brotaram nesse período. Vi amigos divulgando *fake news* sem verificarem se eram verdadeiras; vi pessoas próximas negando fatos evidentes que contradiziam frontalmente aquilo em que queriam acreditar; vi linchamentos virtuais de jornalistas que divulgaram fatos que incomodaram grupos políticos (e esses fatos se provaram verdadeiros); vi uma enxurrada tão grande de *fake news* acerca do novo coronavírus que a Universidade de São Paulo (USP) se viu obrigada a publicar uma lista com as principais delas para tentar iluminar o debate.²⁵ Constatei espantado graus inusitados de uma credulidade perturbadora. Os fatos parecem não importar para grande parte da audiência.¹⁴

No final das contas, esse texto é apenas mais uma enxugada de gelo. Podemos desistir de tentar diante da aparente falta de perspectiva de uma resolução dessa guerra, ou podemos persistir em uma luta que provavelmente nunca terá

fim. Algumas eventuais vitórias talvez façam o desafio compensar momentaneamente, no melhor estilo “seja eterno enquanto dure”. O que sobra é a disposição ao combate e o combate em si, que ajudam a forjar quem nós somos.

Assista a uma videoaula de Alexandre Lourenço sobre *fake news*:
<https://youtu.be/seq4lbxlrOE>

Declaração de conflito de interesses

O autor declara não haver conflitos de interesse, em relação ao presente estudo.

Referências

01. Lorenzon G. Abic alerta que café com sangue de boi é a nova *fake news* das redes [internet]. 2010 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/abic-alerta-que-caffe-com-sangue-de-boi-e-a-nova-fake-news-das-redes/>.
02. Becker K. Café moído e embalado à vácuo é feito com sangue de boi [internet]. 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <https://www.boatos.org/saude/caffe-moido-vacu-feito-sangue-boi.html>
03. Holm C. Orson Welles e a atualidade de uma lição sobre *fake news* [internet]. 2018 [acesso em 22 fev 2018]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/orson-welles-e-a-atualidade-de-uma-li%C3%A7%C3%A3o-sobre-fake-news/a-46090756>
04. Johnson M. Fighting fake news. Knowledge Quest [internet]. 2018 [acesso em 22 fev 2020];47(1):32-35. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1190996.pdf>
05. Scheller F. *fake news* é promovida porque atrai publicidade. O Estado de S. Paulo [internet]. 2019 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,fake-news-e-promovida-porque-atrai-publicidade,70003139080.amp?__twitter_impression=true
06. Pangrazio L. What’s new about fake news? Critical digital literacies in an era of fake news, post-truth and click bait. Rev Páginas de Educación [internet]. 2018

- [acesso em 22 fev 2020];11(1):6-22. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pe/v11n1/1688-7468-pe-11-01-6.pdf>
07. Redes sociais deram voz a legião de imbecis, diz Umberto Eco [internet]. 2015 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm?cmpid=copiaecola>
 08. Radiocentodiecni Unito. Internet, Social Media e Giornalismo [internet]. [acesso em 22 fev 2020]. Video: 00:12:53. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u10XGPuO3C4&t=40s>
 09. Taschner NP. Por que o movimento antivacina não tem um pingo de sentido. Rev Veja Saúde [internet]. 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/cientistas-explicam/por-que-o-movimento-antivacina-nao-tem-um-pingo-de-sentido/>
 10. Programa Roda Viva. Entrevista com Dráuzio Varella [internet]. 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Video: 01:26:09. Disponível em: <https://youtu.be/lupK2fBHDlG>
 11. Törnberg P. Echo chambers and viral *misinformation*: modeling fake news as complex contagion. Plos One [internet]. Set 2018 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0203958>
 12. Franco A. Inunda a área com merda: como a desinformação dominou nossa democracia [internet]. 26 jan 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <http://dagobah.com.br/inunda-a-area-com-merda-como-a-desinformacao-dominou-nossa-democracia/>
 13. Pinker S. Como a mente funciona. São Paulo: Cia. das Letras; 2018.
 14. Lab N. Dilema do verificador de fatos: conectividade leva pessoas a descartarem fatos [internet]. 09 fev 2020 [acesso em 22 fev 2020]. <https://www.poder360.com.br/nieman/dilema-do-verificador-de-fatos-conectividade-leva-pessoas-a-descartarem-fatos/>
 15. Scheufele DA, Krause, NM. Science audiences, *misinformation*, and *fake news*. PNAS [internet]. 2019 [acesso em 22 fev 2020];116(16):7662-7669. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6475373/pdf/pnas.201805871.pdf>
 16. O Antagonista. Diário Fake [internet] 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/diario-fake/>
 17. Choi D, Chun S, Oh H, Han J, Kwon, TT. Rumor propagation is amplified by echo chambers in social media. Scientific Reports [internet]. 2020 [acesso em 22 fev 2020]; 10:310.
 18. Lindita C. From selective exposure to selective information processing: a motivated reasoning approach. Media and Communication [internet]. 2019 [acesso em 22 fev 2020]; 7(3):8-11. Disponível em: <https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/2289/2289>
 19. Monnerat A. Negacionista do clima divulga informações falsas sobre processo de difamação no Canadá [internet]. 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/negacionista-do-clima-divulga-informacoes-falsas-sobre-processo-de-difamacao-no-canada/?utm_source=twitter:newsfeed&utm_medium=social-organic&utm_campaign=redes-sociais:022020:e&utm_content=:::&utm_term=
 20. Collglazier W. Real teaching in an era of fake news. American Educator [internet]. 2017 [acesso em 22 fev 2020]; 10-11. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1156378.pdf>
 21. Mainous AG. Perspective in primary care: disseminating, scientific findings in an era of fake news and science denial. Annals of Family Medicine [internet]. 2018 [acesso em 22 fev 2020]; 16(6):490-491. Disponível em: <http://www.annfammed.org/content/16/6/490.full.pdf+html>
 22. Badrinathan S, Chauchard S. Is there a way to counter fake news on WhatsApp? Hindustan Times [internet]. 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <https://www.hindustantimes.com/analysis/is-there-a-way-to-counter-fake-news-on-whatsapp/story-iCOZ5CG5ESy2YC9Q2SJIMI.html>
 23. Seixas R. Mosca na sopa [internet]. 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Video 00:03:59. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ulLahrIRiMA>
 24. Franco A. Inunda a área com merda: como a desinformação dominou nossa democracia. Dagobah Inteligência Democrática [internet] 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <http://dagobah.com.br/inunda-a-area-com-merda-como-a-desinformacao-dominou-nossa-democracia/>
 25. Veja as mensagens que andam circulando sobre coronavírus. E por que elas são fake. Jornal da USP [internet] 2020 [acesso em 22 fev 2020]. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/veja-as-mensagens-que-andam-circulando-sobre-coronavirus-e-por-que-elas-sao-fake/>